

## PODER, PODER-SABER E VERDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS PARA NEGÓCIOS (LDIN): UMA REFLEXÃO

Carolina Andrade Ramalho<sup>i</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é refletir sobre os conceitos de poder, poder-saber e verdade no livro didático britânico de inglês para negócios à luz do que postula Michel Foucault em sua fase genealógica. Consideramos que o gênero em que se insere este tipo de material (livro didático) neutraliza seus efeitos no contexto da aprendizagem e assim não abre espaço para que o tomemos como uma materialidade discursiva que produz efeitos ideológicos. Apaga, assim, qualquer possibilidade de questionamento acerca do conteúdo que é veiculado. Apoiando-nos também na Análise de Discurso de Linha Francesa, buscamos compreender como essa materialidade produz sentidos e analisaremos de que forma ela produz alguns desses sentidos.

**Palavras-chave:** livro didático; poder- saber; verdade; discurso; gênero.

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 1996, p. 44)

23

O termo 'didático' pressupõe verdade, conhecimento, neutralidade: estudar a partir de um livro dessa natureza é hoje muito comum na educação; seja nas escolas públicas, privadas ou cursos de idiomas, este tipo de material está sempre presente. Não se questiona acerca de seu conteúdo; aceita-se seu gênero –didático– como parâmetro único para sua designação como objeto de estudo ideal na sala de aula. Se um livro é didático, então ele já reúne, por si só, os requisitos necessários para um ensino eficiente.

No entanto, vir a questionar sua imagem na sociedade é fundamental se a questão maior for o sentido na educação, ou seja, um ensino significativo, que permita ao aluno momentos de articular seus conhecimentos, fazer referências ao que já sabe, pensar de outra maneira os temas ali presentes. Como defende Coracini (1999)<sup>ii</sup>, compreender um texto significa muito além do que simplesmente reconhecer um certo número de estruturas e formas gramaticais que não envolvem o leitor na produção de sentido.

Mas aí chegamos a um impasse: como questionar um livro didático? Se ele surgiu para ensinar, trazer o conhecimento, preencher um ‘vazio’ intelectual, e está tão arraigado na nossa cultura como meio ideal para o aprendizado?

Vamos supor que nosso objetivo seja então questionar um livro didático de ensino de inglês. Podemos fazê-lo de diversas formas, como por exemplo, a partir do ‘certo ou errado’ (verificar se sua gramática está de acordo com as regras da norma culta), analisar o conteúdo de seus textos (procurando ver se são coerentes, coesos), mas ainda estamos falando de dentro da língua, fechados na sua racionalidade e deixando de lado o ‘como’ esse material faz sentido: não seria esse um bom ponto de partida?

Ao tomarmos o ponto de partida centrado no ‘como’, podemos estabelecer outras perguntas: como o LDIN significa? Como ele se faz verdade? Como ele se mantém enquanto material inquestionável? Essa é a preocupação da AD de linha francesa: mostrar como os objetos simbólicos (texto, imagem) produzem sentido (ORLANDI, 2010)<sup>iii</sup>, não se fecham em si próprios com relação à interpretação, ou seja, não são mensagens a serem decodificadas.

Algumas reflexões: O LDIN se encaixa, já o dissemos, na categoria de livros didáticos. Além disso, ele afirma trazer o conteúdo lingüístico necessário exigido pelo mercado de trabalho, ao fazer com que o aluno seja exposto a situações que vivenciará em seu ambiente de trabalho. Ao falar do lingüístico, exclui o que é discursivo, ou seja, a materialidade discursiva em que se constitui o livro. Deixa de lado, então, a história, a relação que seu discurso estabelece com outros, o seu peso material.

Analisaremos como o discurso do LDIN possibilita-nos pensar as questões de poder, poder-saber e verdade a partir do ângulo do ensino, ou seja, de um ponto de observação mais voltado à nossa experiência, e mais especificamente aqui como profissionais da educação.

### **Poder no LDIN**

Consideramos, primeiramente, que o LDIN, além de ser pertencente ao gênero didático, apresenta um diferencial: justifica sua existência e importância a

partir de sua relação direta com o sucesso no mercado de trabalho; é nas relações (sujeito e emprego) em que ele se insere. De certa forma, produz uma necessidade relacionada ao saber: o aluno tem o poder (a habilidade, a capacidade) para conseguir um bom emprego e ter sucesso.

Segundo Foucault (1979), que não produz uma teoria, mas uma analítica do poder, este está nas práticas e acontece em rede. Isso quer dizer que toda prática tem poder e que não há uma direção única ou exata do poder, ou até mesmo um pólo onde ele se concentre. Além disso, ele objetiva estudar o poder em suas práticas reais e efetivas; estudar o poder onde ele se relaciona direta e indiretamente com aquilo que podemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo ou campo de aplicação, quer dizer, onde ele se implanta e produz efeitos reais. (FOUCAULT, 1979).

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (FOUCAULT, 1979, p. 8).

O LDIN não exerce poder pela força, mas justamente pela sua aparente neutralidade. Seu discurso é perpassado pelo discurso do sucesso profissional: aprender o inglês leva a um bom emprego. Encontramos no livro do professor de um LDIN a seguinte afirmação: ‘O curso é voltado para aqueles que estejam se preparando para uma carreira nos negócios ou para aqueles que já trabalham e queiram melhorar suas habilidades comunicativas’<sup>iv</sup>. Percebemos aqui a ligação entre o ensino e a carreira profissional. E, além disso, a noção de domínio do inglês como ferramenta (habilidades comunicativas), como se fosse possível uma língua ser ensinada sem que pudéssemos estar inserido em sua materialidade, sua historicidade, sua ligação com as práticas sócio-históricas:

‘A evidência do sentido, que, na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção’ (ORLANDI, 2010: 45).

A língua no LDIN é tomada na sua transparência, como se o aluno fosse capaz de consumi-la, se apropriar dela e a partir daí utilizá-la para sua vida profissional.

Nesse sentido, o sonho de ‘dominar’ a língua inglesa corresponde a um objetivo que, se alcançado, corresponderá a um prazer satisfeito. Não é por acaso que cada vez mais a procura por cursos de inglês para negócios aumenta e, conseqüentemente, esse tipo de ensino se constitui numa exigência para que os profissionais tenham acesso ao mercado de trabalho ou sucesso no atual emprego.

Percebemos, dessa forma, que o poder do LDIN se confirma na medida em que se constitui numa prática que induz o sujeito, ou seja, através da incitação, este é levado a desejar o conteúdo: as promessas são muito tentadoras (conseguir emprego, ganhar bem) e assim o aluno poderá se sentir completo profissionalmente.

Essa é uma das formas pelas quais o LDIN exerce poder: sua existência se fazendo necessária, porque acredita-se que haverá muitas alegrias e satisfações que virão para aquele que se deixar ensinar pelo LDIN.

### **Poder-Saber no LDIN**

Já sabemos do ‘peso’ intelectual do livro didático: ele é visto como a voz da verdade. Segundo Souza (1999)<sup>v</sup>, a legitimidade do caráter de autoridade do livro didático é a própria crença de que ele contém um saber a ser decifrado e que, uma vez decifrado, tem que ser compartilhado. O próprio termo ‘didático’ pressupõe essa característica de algo correto, que ensina ou que instrui. É nesse sentido que o LDIN pode ser considerado fonte de saber, a resposta para as perguntas, a solução de problemas.

O LDIN é, então, um exemplo da relação entre o poder e o saber; quando falamos em saber, não nos referimos somente ao conteúdo veiculado no livro, mas no tipo de conhecimento que é dado a conhecer sobre sua importância, sua função como ferramenta para a vida do profissional que busca o idioma, ou seja, forma-se um saber em torno da existência do LDIN nas práticas pedagógicas e na sociedade como um todo. Entre o poder e o saber não se estabelece uma relação causal, há um total entrelaçamento entre um e outro (Fonseca, 1995)<sup>vi</sup>. O LDIN gera poder,

porque ele gera a possibilidade de se ter o poder, de conseguir falar a língua; também gera saber, pois produz discursos, através dos quais mesmos se sustenta e permanece.

Em sua segunda fase, também chamada de genealógica, Foucault faz considerações sobre o poder e como este é ligado intrinsecamente ao conhecimento, sendo esses dois conceitos mutuamente dependentes. Podemos considerar a reflexão sobre o LDIN tendo em vista a discussão de Foucault sobre o poder-saber.

O saber no LDIN é advindo também da mídia, haja vista a quantidade de textos jornalísticos inseridos nesse material. O que ainda reforça e muito seu poder: a mídia, considerada como imparcial (até pelo próprio LDIN), é base para os exercícios de compreensão que fazem parte do seu conteúdo.

Segundo o próprio LDIN, os textos da mídia são autênticos, ou seja, advindo de jornais e revistas de grande circulação. Essa fonte de informação garante, segundo o LDIN, a verdade no livro.

A mídia produz efeitos de sentido considerados verdadeiros sobre o seu conteúdo. Como preconiza Zarate (apud Carmagnani, 2003), o texto da mídia presume uma atualidade; o livro didático, ao mencionar a utilização de textos autênticos, faz com que o leitor tenha a impressão de que o conteúdo corresponda à verdade e assim o texto funciona como o espelho da notícia, e assim é fiel aos fatos.

Podemos dizer, então, que o saber do livro didático já é algo aceito como correto e que a presença da mídia ainda reforça esse efeito de verdade gerado pelo LDIN.

### **Verdade no LDIN**

Para Foucault, a verdade é uma construção e não corresponde ao resultado de uma descoberta, por exemplo. Foucault quer significar a verdade como um conjunto de procedimentos que são regulados para a produção, a lei, a repetição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. Não há uma verdade, mas uma política da verdade, ou seja, uma construção de verdade. Há uma vontade de verdade ligada a condições que possibilitam sua existência:

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo -se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou se fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”, entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia”, mas em termos de “vontade/poder”. (...) (FOUCAULT, 1979, p. 13).

O LDIN defende a concepção de que seu discurso é livre de ideologia, neutro e imparcial, ou seja, um local onde somente a verdade prevalece. O LDIN afirma que a presença de artigos da mídia como conteúdo de seus exercícios de leitura faz com que o aluno e o professor estejam em face da verdade, dos fatos inquestionáveis, da notícia objetiva, sem parcialidade em seu conteúdo.

O não questionamento da verdade fecha sentidos, proibindo interferências de outros discursos para a significação, assim, deixa de lado o que a AD defende:

“Os dizeres (...) são efeitos de sentido produzidos em condições determinadas que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender”<sup>vii</sup>

Seguindo essa perspectiva, nem a linguagem nem os sentidos são transparentes; a natureza da linguagem é ideológica, de modo que ela só existe na e pela ideologia e, uma vez que esta constitui a linguagem, estando na linguagem já estamos na ideologia, ou seja, ela é condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. A ideologia cria a ilusão de que é na palavra que o sentido está fixo devido à sua propriedade de apagar o processo histórico. Dessa forma, não há uma verdade oculta atrás do texto. Não se procura o ‘sentido “verdadeiro”, mas o real sentido em sua materialidade lingüística e histórica’ (ORLANDI, 2002). Foucault nos lembra que a verdade é sempre uma verdade para alguém, para uma época, descartando o seu atributo de ‘absoluta’.

O uso da mídia tem um objetivo específico, que visa trazer a verdade para o livro. Como aponta Gregolin (2003), o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta. O LDIN então cerceia o

espaço que seria concedido ao aluno (e ao professor também) para refletir acerca dos textos que apresenta.

### **As consequências da prática**

Ao refletirmos acerca das questões acima, podemos afirmar que na sua aparente inocência ou neutralidade, o livro didático, e o LDIN mais especificamente, é um material que não propicia o que ele acredita ser o mais relevante na aprendizagem: a reflexão. Se o que realmente fica a desejar é o espaço ou a chance para o aluno construir significados, então o tipo livro em questão vai de encontro a uma prática pedagógica preocupada com o fazer sentido na linguagem. Utilizando a expressão genealógica de Foucault, corresponde, assim, a um controle minucioso e sutil sobre os ‘corpos dóceis’:

O sujeito individual obediente aos hábitos, regras, ordens; uma autoridade que é exercida continuamente em volta e acima dele e que ele deve internalizar para funcionar automaticamente nele. (FOUCAULT, 1979, p. 227)

Essas regras não são impostas violentamente, mas cada vez mais estrategicamente, de um modo que não se mostre brutalmente, mas sempre de um modo contínuo e incessante, indutivo e quase imperceptível.

### **Considerações Finais**

Lançar um olhar crítico ao que parece homogêneo, neutro e inofensivo: isso parece ser uma boa forma de agir diante das materialidades que nos rodeiam e fazem parte da nossa experiência, que tem ligação direta com o nosso objeto de estudo e pesquisa, e também com nossa prática profissional como professores. Analisar o discurso do LDIN em termos de uma materialidade onde há poder, pois uma vez que ele está nas práticas, tem seu caráter intrínseco a elas e funciona nelas e por meio delas, e já que o poder é estratégia, ele está no jogo discursivo das relações humanas e perpassa essas práticas.

Insistir numa reflexão que leve em consideração a construção do sentido, e não sua mera apreensão. Verificar como o objeto é construído, produz sentido, sob quais formas de poder, segundo quais possibilidades de existência, isso faz com que olhemos para o material de forma não determinada, mas sim observando como e quais regras propiciam seu aparecimento e manutenção.

É assim que pensamos poder tecer algumas reflexões e talvez criar resistências às práticas atualmente presentes, fazendo com que novas formas de abordagem ao material sejam criadas, discutidas e levadas em consideração.

É a partir de um ponto de vista que considera a historicidade, a relação que os discursos têm com outros, a não-transparência da linguagem que acreditamos ser possível um tratamento ao discurso como uma prática histórica, que tem conseqüências específicas para o aprendizado. Tomar um texto somente no seu caráter lingüístico deixa de lado uma preocupação com o sentido, que deve ser o centro dos questionamentos dos sujeitos envolvidos na aprendizagem.

Michel Foucault, o construtor da reflexão meta-teórica pós-moderna, contribuiu e ainda atualmente contribui para a reflexão a partir de saltos transparadigmáticos, ao quebrar com as certezas e tranquilidades com que eram compreendidas as ciências humanas. Assim, tenta deslocar olhares já pré-determinados e que se fecham em suas próprias certezas.

## REFERÊNCIAS

- CORACINI, Maria José. **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático**. Campinas: Pontes Editores, 1999.
- CARMAGNANI, A. M. Processos de identificação, mídia e discurso didático-pedagógico. In: **Crop**: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo- n. 1 (1994)- São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1994.
- Foucault, M. **Microfísica do Poder**. Tradução e Organização de Roberto Machado. 26ª edição. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 9ª edição. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- GREGOLIN, M. R. (Org) **Discurso e Mídia**. A Cultura do Espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo. EDUC, 1995.
- MASCULL, Bill; HALL, Erica; RILEY, David. **Market Leader. Teacher's Resource Book**. Intermediate Business English. 2ª edição. England. Pearson Education Limited: 2002.
- Orlandi, Eni. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 9ª edição: 2010.
- SOUZA, D.M. In Coracini, M.J.F (Org.). **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: Língua Materna e Língua Estrangeira**. Campinas. SP: Pontes, 1995.
- SOUZA, D. M. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: **Interpretação, Autoria e legitimação do Livro Didático**. Campinas: Pontes Editores: 1999.
- ZARATE, G. (1993). **Représentations de l'étranger et didactic des langues**. Paris: Didier.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Bacharel, Licenciada e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, sob orientação/supervisão da Professora Doutora Anna Maria Grammatico Carmagnani, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários de Inglês. Bolsista CAPES. Atualmente é professora temporária da Fatec Ipiranga em São Paulo.

<sup>ii</sup> Coracini, Maria José. O Livro Didático de Língua Estrangeira e a Construção de Ilusões. In: Coracini, Maria José (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas, SP: Pontes, pág. 117.

<sup>iii</sup> ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2010, p. 26

<sup>iv</sup>MASCULL, Bill; HALL, Erica; RILEY, David. *Market Leader. Teacher's Resource Book. Intermediate Business English*. 2ª edição. England. Pearson Education Limited: 2002, pág. 3

<sup>v</sup> SOUZA, D. M. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: *Interpretação, Autoria e legitimação do Livro Didático*. Campinas: Pontes Editores: 1999.

<sup>vi</sup> FONSECA, M. A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo. EDUC, 1995:34.

<sup>vii</sup> Orlandi, Eni. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição: 2002, pág. 30.